

MORA NA FILOSOFIA

por ALDO TAVARES

Papo com Käthe Schirmacher

À margem do rio Vístula, em Gdansk, norte da Polônia, tive a alegria intelectual de “entrevistar” uma das mais inteligentes feministas do mundo. À mesa do restaurante Hewelke, conversamos sobre sua luta política, marcada pelo feminismo maternal. Embora esteja com os seus longos 161 anos de idade, suas palavras permanecem jovialmente vivas. Moro na Filosofia entrevista palavras, não pessoas. Nossa entrevistada, Käthe Schirmacher, que defende a ideia de que ser mãe é a forma de trabalho mais digna. Cuidar dos filhos, da casa, enfim, cuidar da família, possui o sentido mais amplo de cuidar da vida. “O trabalho doméstico é trabalho social, é trabalho político, é trabalho econômico”, e ela me perguntou: “existe trabalho mais digno do que acolher o lar da família?”.

Reprodução



Käthe Schirmacher, pensadora polonesa (1865-1930)

Käthe, antes de tudo, obrigado por este encontro. Você conhece a realidade das mães mais pobres no Brasil?

Conheço. Em seu país, a grande maioria das mães cria os filhos sozinha em lugares onde não há creches, o que impõe ao filho ou à filha cuidar dos irmãos menores, enquanto a mãe passa o dia trabalhando.

A creche é solução?

Não. Ainda que o poder público colocasse creches, ele daria a terceiros a responsabilidade de cuidar da vida. Quem tem de cuidar do filho é a mãe com o pai.

Mas a mãe trabalha fora de casa.

Não por isso. Havendo condição financeira, essa mãe fica em casa para cuidar dos filhos, e quem deve assegurar tal condição é o Estado. O trabalho da maternidade, o mais digno de todos, tem de ser muito bem remunerado para que as mães pobres possam ficar em casa cuidando de seus filhos.

Então, você defende o feminismo maternal.

Isso mesmo. O feminismo da maternidade é o mais amplo, pois envolve a política pública habitacional, ou seja, o lar. A questão aqui, portanto, não é a mulher ter direito igual ao homem, porque ser mãe, que é gerar a vida, é direito superior ao direito masculino.

As feministas lutam pela maternidade?

Não, o que levou à jornada dupla de trabalho para as mães. Eu luto por isso desde o final do século 19, quando a pobreza feminina era agravada pelos riscos próprios da vida das mulheres. Uma coisa é o homem pobre e sozinho, e outra coisa é a mulher pobre, sozinha e grávida. Quero dizer com isso que, uma vez comparado o homem à mulher, o Welfare State é bem diferente.

Sua análise é interessante.

Defendo a natureza da mulher, que é a de ser mãe, não havendo trabalho mais produtivo do que esse, já que cria o valor dos valores, que é educar o filho, que é cuidar da vida do ser humano.



O musical sobre Tim Maia, que estreou em 2012, ganha nova montagem

O legado do ‘Síndico’ segue inabalável

Musical sobre Tim Maia retorna ao Rio com montagem renovada nos 28 anos da morte do cantor

Cantor, compositor, maestro, instrumentista e produtor, Sebastião Rodrigues Maia não cabia em definições simples. Sob a identidade de Tim Maia, ele construiu uma obra de 205 músicas e 698 gravações que atravessou décadas e estilos — do samba soul ao funk samba, do xaxado soul ao forró soul — deixando uma obra singular e inconfundível na MPB. Agora, 28 anos após sua morte, “Tim Maia, Vale Tudo - O Musical” retorna aos palcos cariocas com uma montagem renovada para celebrar esse legado.

A temporada carioca estreou no fim de semana e segue até 12 de abril no Teatro Casa Grande, no Leblon. Carmelo Maia, filho do cantor e curador artístico da produção, explica que participar do projeto é mais do que trabalho. “Mesmo sem meu pai fisicamente entre nós, sua musicalidade, genialidade, sua história e sua força seguem vivíssimas entre

nós. Tenho o máximo respeito pelo legado que me foi confiado e o administro com o coração, fidelidade e muita seriedade. Esse musical é por ele e feito para vocês”, afirma.

Com roteiro de Nelson Motta — o mesmo que descreveu Tim como “o ser mais livre que eu conheci” —, o espetáculo é inspirado no livro Vale Tudo - O Som e a Fúria de Tim Maia e conduz o público desde a juventude do artista até sua consagração nacional. Cerca de 20 sucessos estruturam essa jornada: “Não Quero Dinheiro”, “Azul da Cor do Mar”, “Gostava Tanto de Você” e “Acenda o Farol” estão entre os clássicos que seguem ecoando em karaokês, festas e trends nas redes sociais, conectando admiradores de longa data às novas gerações que descobrem Tim Maia por caminhos inesperados.

A montagem tem números que impressionam: 16 atores em cena, 12 músicos executando a trilha ao vivo, 141 figurinos, 32 perucas e um cenário de apro-

ximadamente seis toneladas. O visagismo foi desenvolvido em duas fases distintas para marcar a passagem entre os atos, evidenciando a transformação do protagonista ao longo da narrativa. A produção também aposta em momentos de interação direta com o público, tornando a experiência cênica mais próxima do espírito irreverente e magnético que definia as apresentações do artista.

Desde a estreia em 2012, o espetáculo acumulou público e reconhecimento, firmando-se como um dos títulos mais duradouros do teatro musical brasileiro. A nova montagem ainda marca presença na 34ª edição do Festival de Teatro de Curitiba, nos dias 31 de março e 1º de abril, no Teatro Guaíra. A direção musical é de Carlos Bauzys e Diego Salles, a direção geral de Pedro Brício, e a produção é assinada por Carmelo Maia, Del Claro Produções e Grupo Live.

SERVIÇO

TIM MAIA, VALE TUDO - O MUSICAL

Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 A, Leblon)
Até 12/4, sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (19h)
Ingressos a partir de R\$ 75